

Reunião de países ricos discute solução para a dívida externa

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Enviado especial

TORONTO, CANADÁ — Em sua primeira reunião, ontem à tarde, aqui, os líderes dos sete países capitalistas mais industrializados — Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, Inglaterra, França, Itália e Canadá — reconheceram, por unanimidade, que a dívida externa do Terceiro Mundo é um problema não só dos devedores mas também dos credores.

— Eles concluíram que têm uma responsabilidade conjunta, no sentido de solucionar essa questão. Houve um acordo geral no sentido de que é preciso aliviar esse peso das nações mais pobres. E todos admitiram que deve haver mais flexibilidade na negociação com os países em desenvolvimento — disse o Ministro de Economia do Canadá, Michael Wilson, ao revelar os resultados da primeira reunião. — Quanto à dívida dos países em desenvolvimento, concluiu-se que devemos estabelecer aqui os princípios para que ela seja aliviada. A ideia básica é de que sejam adotadas soluções de acordo com as necessidades de cada país — disse Wilson, no início da noite.

O Ministro canadense revelou que não há praticamente resistência à proposta feita há dias pelo Presidente da França, François Mitterrand,



Líderes dos Sete Grandes e da CEE dão início à reunião em Toronto

Telefoto AP

de se perdoar até um terço da dívida de um grupo de 22 países africanos, que devem US\$ 55 bilhões a bancos e governos. Persistem, no entanto, posições distintas quanto aos demais países — especialmente os latino-americanos. Wilson disse que o Canadá buscará, até amanhã à noite, quando termina a conferência, um consenso entre os pontos de vista dos europeus e os dos americanos.

— Enquanto a Europa pensa numa solução a curto prazo, os Estados Unidos são mais favoráveis a opções

de longo prazo. Pretendemos encontrar um meio-termo — disse ele.

De manhã, o Primeiro-Ministro do Canadá, Brian Mulroney, já havia dado um sinal nesse sentido:

— Os países industrializados estão terminando seu ano fiscal com bons resultados. Houve um crescimento médio de 3,1%, e a taxa anual de inflação ficou em 2,8%. É hora, portanto, de se encarar a dívida externa do Terceiro Mundo com mais realismo e mais generosidade.

O Primeiro-Ministro do Japão, No-

boru Takeshita, tem a mesma opinião. Um de seus assessores revelou, ontem à noite, que seu país apoiará todas as iniciativas que tornem mais dinâmicas as renegociações do débito dos países em desenvolvimento. O Chanceler japonês, Sousuke Uno, que também está em Toronto, antecipou alguns parâmetros do novo programa de ajuda externa do Japão, num total de US\$ 50 bilhões. E revelou que há um programa paralelo em andamento: o da securitização de parte da dívida de alguns países.

— O Fundo Monetário Internacional criaria, com dinheiro japonês, um fundo para ser utilizado como garantia para bônus a serem emitidos pelos devedores, contendo um desconto. Com esses papéis se trocaria parte da dívida por investimento nesses próprios países — disse Koichi Haraguchi, Porta-Voz do Chanceler do Japão.

Ao se reunirem ontem, os mandatários do Primeiro Mundo tinham entre seus papéis a cópia da proposta de um grupo de especialistas financeiros — liderado pelo ex-Presidente do Federal Reserve (o banco central dos EUA), Paul Volcker — para o problema da dívida do Terceiro Mundo: equiparar o serviço da dívida à capacidade dos países devedores de pagá-la. Caso contrário, diz o documento, “o objetivo de se promover um crescimento estável continuará sendo uma ilusão”.